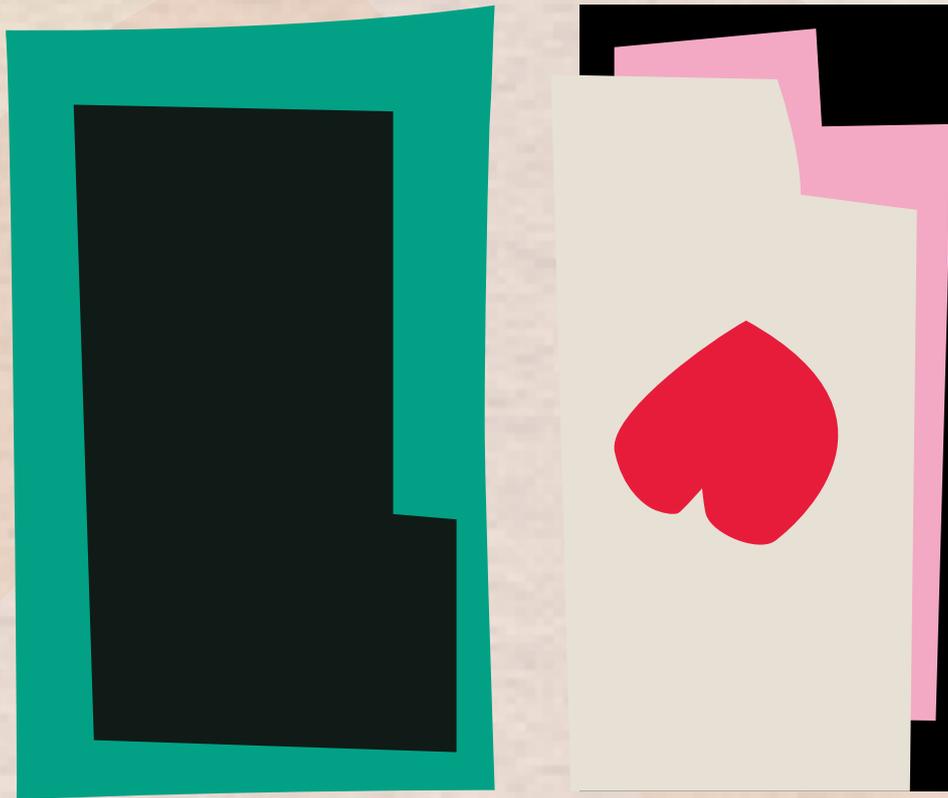


XIII

JORNADAS DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO



BOLETIM

CARTAS DE AMOR

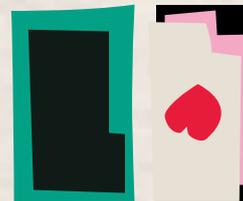
#04



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 DITOS DE AMOR
- 23 MATCH POINT
- 27 O AMOR ESTÁ NO AR
- 29 CORREIO ELEGANTE
- 31 AMAR É...



EDITORIAL

Laura Mansin de Oliveira Espagnoli

Associada ao CLIN-a

Participante da Comissão de Boletim das XIII

Jornadas da EBP-SP

É com alegria e entusiasmo que apresentamos o quarto boletim “Cartas de Amor”, convidando-os a percorrer os labirintos do amor através de textos de colegas da comunidade analítica.

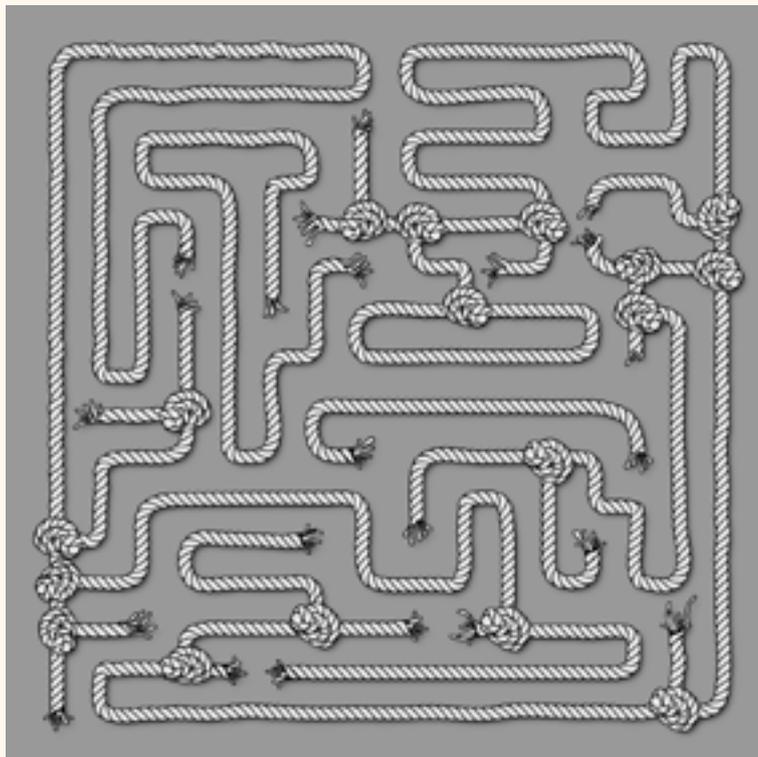
A rubrica Ditos de Amor está riquíssima!

Temos “O amor é *palavreiro*” onde Cristiane Barreto traz uma carta de amor (transferencial) à Nicéas (*in memoriam*). A relação sexual não existe, mas há o amor... um amor digno, um amor *sinthoma*, que faz suplência à não relação sexual, e não complemento, o amor como algo que pode estabelecer um laço sobre esse fundo de ausência.

Encontramos ainda, os argumentos dos eixos 3 e 4, cheios de provocações ao trabalho, levantando questões essenciais às Jornadas Clínicas.

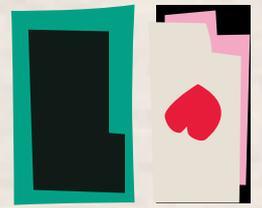
Camila Popadiuk e Cristiana Chacon Gallo, nos apresentam o eixo 3: (a)muro “é o que aparece em signos bizarros no corpo”. Trazem o amor pela lógica do não-todo, onde o Outro é o corpo próprio, o amor é contingente e atesta a impossibilidade de escrever a relação sexual. Colocam em evidência o neologismo de Lacan: (a)muro. Conjugando o objeto *a* ao amor e ao muro da linguagem. Nos incitam ao trabalho para buscar nas parcerias atuais: “com quem ele joga a partida?”

No eixo 4: “Paraiso dos amores infantis”, Carmen Silvia Cervelatti e Camila Colás, retomam Freud apresentando o amor feliz como uma nostalgia de um objeto perdido para sempre. Do autoerotismo ao narcisismo, não sem o estágio do espelho, o impossível aparece novamente, na impotência do amor, “porque ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... dois sexos”. Trazem ainda vários pontos, dentre eles o novo amor ou o amor mais digno, deixando questões clínicas importantes para a investigação.



MAZE PUZZLE - PIXABAY.COM

CARTAS DE AMOR



O texto de Maria Josefina Sota Fuentes, “O amor em análise” é um convite à pesquisa. Como nós analistas podemos nos servir da transferência atualmente, podendo através de um ato incitar o enodamento do amor ao saber, instaurando o inconsciente? Se por um lado o aparecimento do amor foi um dos imbróglis que Freud precisou enfrentar, conceitualizando a transferência na psicanálise, por outro lado ela também é o motor.

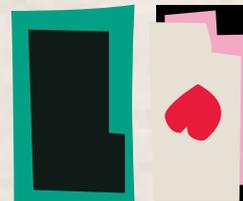
Na rubrica Match Point encontramos verbetes cuidadosamente preparados pela comissão de referências bibliográficas, iluminando pontos teóricos chaves desenvolvidos nos eixos 3 e 4.

E... “O amor está no ar” ... Flavia Corpas fala do impossível do amor a partir do que a arte pode ensinar ao analista. Faz uma elaboração tomando como objeto a obra de Tracey Emin, *My Bed*. A hipótese é que esse autorretrato nos ensina algo sobre o amor-sublimação. Junto com Lacan e Miller traz o escabelo como uma sublimação em seu cruzamento com o narcisismo: “Exibir-se dejetivo, e por isso mesmo, não estar identificada a ele”.

No “Correio Elegante”, Barbara Vargas fala do impossível do amor, conectando a sofrência no amor ao caso Dora e seu desejo insatisfeito. E a festa como um palco perfeito para cantar, dançar, recusar, ou seja, atuar, “por ter perdido aquilo que nunca se teve – e é aí que o desejo continua vivo”.

E não deixem de dar uma olhadinha na rubrica amar é... Djavan arrasa!

Boa leitura!



DITOS DE AMOR

O amor é palavreiro

Cristiane Barreto

Membro da EBP/AMP

Ao Nicéas (*in memórian*),
uma pequena nota.



CANETA TINTEIRO - PIXABAY.COM

“Cartas de amor” é sempre risco. Ler o título da XIII Jornada da EBP-São Paulo, “Jogos do amor, parcerias contemporâneas”, pensando o amor como o que enoda os outros três significantes – jogos, parcerias e contemporâneas -, tal como indicado no argumento da comissão de orientação, é instigante.

O tema do amor imprime uma ética, é obtemperar a imposição do gozo obsceno da nossa época. As parcerias contemporâneas jogam seus jogos, ora com a radicalidade do jogo de azar; ora como pastiche de jogos de amor, ao estilo tramoia das bets, absortos no discurso capitalista que o abole.

O convite para falar de amor em psicanálise apontou-me uma vereda: escrever uma pequena nota sobre a promessa de amor lacaniana do amor mais digno, como oportunidade de pagar uma dívida de jogo, ou ainda, finalmente cumprir com uma promessa de amor.

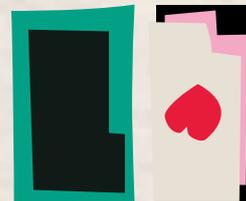
Na Nota Italiana, Lacan, às voltas com transmitir as reformulações dos princípios que regem uma Escola, sobretudo o passe, e sugestões ao grupo que desejava fundar uma na Itália, portanto, imerso em sua paixão amorosa e invenções, pontua que o saber inconsciente é o que “o humus humano inventa para sua perenidade de uma geração à outra”¹. Ressalta que a partir dos inventários a imaginação estava desvairada, orientando colocar em suspenso a imaginação contando com a contribuição do simbólico e do real, que o imaginário une. Com isso, aumentariam os recursos “para fazer o amor mais digno do que a profusão do palavrório”², que o constituía até ali. Surge, nesse contexto, a expressão “o amor mais digno”.

O complemento da frase é impressionante: “Um amor mais digno do que a profusão do palavrório que ele constitui até hoje”. Seria dessa ordem o estatuto do novo amor? O mais digno retiraria o amor do campo da demanda de cada vez mais palavras -na tentativa de explicar, entender, ser objeto incondicional de amor-, e instaurar um dizer silencioso como condição de amar?

1 LACAN, J. Nota Italiana. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.315.

2 Idem, p.315.

CARTAS DE AMOR



O mais digno aponta não para um registro moral, mas para uma dignidade do amor, ele mesmo. Um ato, o de amar, que mereceria verdadeiramente ser chamado desta maneira, por estar liberto das amarras edípicas da garantia e da repetição enfadonha e deletéria, compondo uma nova amarração.

Atribuir ao amor um estatuto de “mais digno”, em um primeiro momento poderia fazer supor algo grandioso, pomposo e, no entanto, ao contrário, a dignidade está diretamente ligada ao seu despojamento. Não a um grande ideal, mas, enfim, salvo, como sempre foi, pelos dejetos. É uma “bricolagem de sobras”³, está do lado do não-todo. Um amor digno é amor-sinthoma, faz suplência (à não relação sexual) e não complemento.

Assim, o amor passaria do registro do palavrório à invenção de uma palavra para dizer do amor, sempre única a cada um, do vocabulário íntimo, erotizado a partir do toque da lalingua sobre o corpo. “O amor palavreiro para ser digno precisa tornar-se minimalista”, me disse Nicéas⁴ em uma das nossas trocas de e-mails-cartas de amor de transferência, na época em que ele era o Mais Um do cartel da Diretoria de Cartéis da EBP – na gestão de Maria Josefina Fuentes (a Pepita).

Lacan ressalta o amor como invenção. Passa do campo da verdade do Outro ao acontecimento de corpo, um amor que possibilita escrever outra coisa, a partir do impacto de *lalingua* sobre o corpo⁵. A contingência instaura o encontro “no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, da relação sexual”⁶. No amor, trata-se, então, de um encontro com acontecimentos de corpo⁷. O amor não é uma “constante antropológica”⁸, é contingente, pode surgir e encontrar um corpo para se alojar. É artífice da construção do corpo ao constituir um parceiro-sin-

3 STEVENS, A. Amor e Nome-do-pai. In: *Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, número 56. Salvador: 2006, p. 22.

4 10 de junho de 2014: “Cara Cristiane: você já encontrou, em Lacan, uma razão para o amor ser “mais digno”? Mais digno do que qual outro amor? Há um Lacan que me atrapalha aquando ele colore de termos “morais” o que quer dizer. E como sua questão no cartel passa por esse amor lacaniano, onde você anda com sua elaboração? Quando tiver encontrada a “deixa” no Seminário me diga. Um abraço, Nicéas”

11 de junho de 2014, resposta a um e-mail: “Cristiane: que descoberta formidável essa que você fez na Nota italiana. O amor palavreiro devendo, para ser digno, tornar-se minimalista (...). Obrigado e um abraço. Minha provocação partiu de uma dívida minha com você: (...). Continuo procurando e ainda não encontrando. Aí o amor no final de análise me fez pensar no amor mais digno e acreditei que era essa a sua procura de trabalho no cartel. Mas agora vejo que valeu a provocação porque o novo amor só pode ter a ver com um amor o menos “palavreiro”. A expressão cunhada por você merece ser patenteada, para ganhar uma dignidade outra. Nicéas”

11 de dezembro de 2014:

“Cristiane: você tem dado sequência à sua reflexão sobre o amor mais digno como um amor menos palavreiro? Não deixe de fazê-lo, mesmo sob a forma de uma breve nota. Um final de ano feliz pra você. Nicéas”

5 VENTURA, O. O amor, sempre Outro. In: *Mutações do laço social – o novo nas parcerias*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2020.

6 LACAN, J. (1973) O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985, p. 198.

7 NAVEAU, P. *O que do encontro se escreve – estudos lacanianos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise/Seção Minas Gerais, 2017.

8 MILLER, J-A. O ser e o um. Seminário de Orientação Lacaniana. Inédito. 2011, p. 81.

CARTAS DE AMOR



toma. No parceiro-sintoma a via do amor permite saber que o parceiro é um semblante e, em última instância, revela o sintoma do próprio sujeito⁹.

O saber inconsciente tem relação fundamental com o amor. Sandra Grostein, coordenadora da comissão de orientação da XIII Jornada da EBP-São Paulo, recuperou em Lacan, no *Seminário XXIV*, o amor como “uma experiência ligada ao saber, mas possivelmente o saber sobre o gozo ou o saber dos efeitos de verdade”¹⁰.

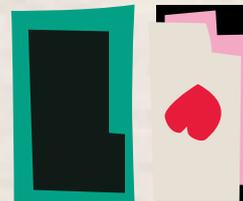
É preciso falar de amor, do impossível de dizer e das várias facetas que movem os corpos em busca de escrituras. Lacan valida a versão amorosa mais fluida do mundo atual, ao invés de apelar ao véu desbotado da nostalgia, dirá: “O amor, o amor, quer se comunique, quer flua, é o amor, ora.”¹¹. Para Lacan, no centro do amor habita o vazio e não o objeto. O amor mais digno não apaga o desejo. Lacan situa o amor como algo que pode estabelecer um laço sobre o fundo da ausência da relação sexual.

Em uma análise é preciso rastrear as letras de amor entre frases marcantes, trechos de livros, letras de músicas, cenas de filmes, rascunhos empoeirados de poesias, espaços em branco, ruínas emolduradas, estradas finitas e recortes de amplidão, valas de rachaduras entre recordações e sempre algum encanto escapado. Buscar um risco que possibilita o começo da escrita, ler o traço que se escreveu em cada um ao final. Inventar um nome e um jeito para o amor. O amor é. *Palavreiro*.

9 MILLER, J-A.; et all. *La pareja y el amor*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

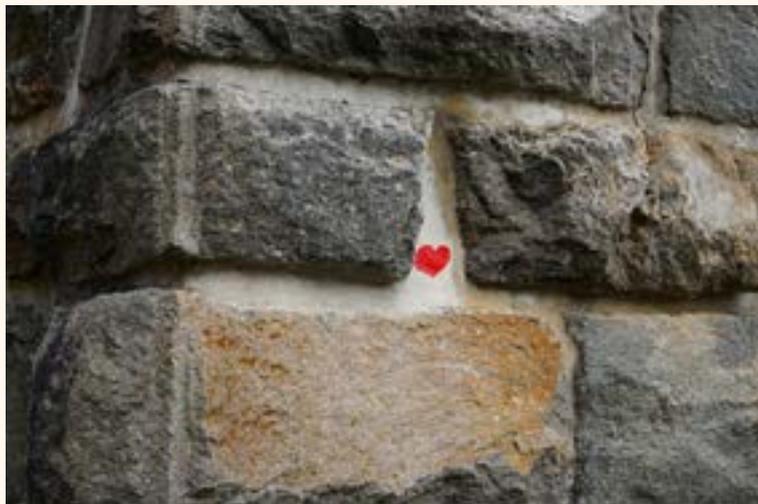
10 LACAN, J. O *Seminário*, livro 24: *Lo no sabido que sabe de la una – equivocación se ampara en la morra*. (inédito.) apud GROSTEIN, S. Boletim “Cartas de Amor”, n.01. 2025.

11 LACAN, J. (1972) *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2011, p.95.



Eixo 3 – (a)muro “é o que aparece em signos bizarros no corpo”

Camila Popadiuk - Membro da EBP/AMP
 Cristiana Chacon Gallo - Membro da EBP/AMP
 Participantes da Comissão de Orientação das
 XIII Jornadas da EBP-SP



STONES- PIXABAY.COM

O tema deste eixo de trabalho é uma citação de Lacan em seu Seminário 20 - *Mais, ainda*,¹ momento de seu ensino em que ele nos apresenta uma nova dimensão do amor, articulada ao saber e ao gozo. Trata-se, no entanto, de um gozo cuja causa é a iteração do significante Um sozinho e que produz marcas indeléveis, chamadas por Lacan de *lalíngua*, cujos efeitos se manifestam como afetos enigmáticos sobre o corpo.² O saber em jogo aqui não é a articulação significante S1-S2, mas sim um saber próprio ao gozo de *lalíngua*, isto é, “[...] um saber que se trata apenas de decifrar, já que ele consiste em um ciframento”.³ Estamos, portanto, no campo do gozo não-todo fálico, o que abre as vias para a vertente do real no amor.

Situadas brevemente essas novas perspectivas sobre o gozo e o saber, abordemos o amor pela via da lógica do não-todo - distinta da vertente do simbólico no amor e da dialética do desejo, onde a falta ocupa um lugar central. Nesta perspectiva do gozo feminino, o amor tem como referência o corpo, e, portanto, o gozo do corpo do Outro, tendo como princípio de partida a inexistência da relação sexual.

A partir dessa perspectiva conceitual, na qual o Outro é o corpo próprio, o amor assume a modalidade do encontro, pois ele acontece de maneira sempre contingente, atestando, assim, a impossibilidade de escrever a relação sexual. Dito de outra forma: se a contingência é o que *cessa de não se escrever*, é porque isso *não cessa de não se escrever*, ou seja, a relação entre os sexos. Não há um saber sobre a sexualidade humana, ou seja, não há um saber prévio que diga como abordar o Outro sexo. O amor vela, portanto, a ausência da relação sexual. Ele “é, como indica Miller, a abreviação do encontro com o gozo e com o Outro, sob a forma do contingente”.⁴

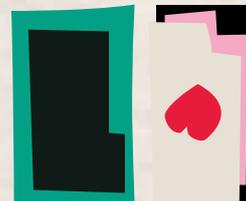
1 LACAN, J. (1972-1973) *O Seminário*, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 2ª ed. p. 13.

2 *Ibidem*, p. 190.

3 LACAN, J. (1975) Introdução à edição alemã dos Escritos. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 553.

4 MILLER, J.-A. A teoria do parceiro. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (orgs.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 156.

CARTAS DE AMOR



Ainda assim, Lacan afirma que existem encontros entre os seres sexuados.⁵ De fato, pela via da contingência, “não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço de seu exílio, [...] como falante, [...] da relação sexual”.⁶ Sim, “Existe o feliz acaso. Aliás, só existe isso: felicidade do acaso!”⁷, enfatiza Lacan.

Contudo, não basta o acaso para que um encontro aconteça. É preciso querer saber alguma coisa sobre isso que produz afetos. Pois, quando não se quer saber nada sobre isso que goza, sabemos onde isso pode, talvez, culminar: no ódio e na conseqüente tentativa de destruição do outro, ou de si mesmo. Assim como o amor tem sua raiz no Um sozinho, também o ódio encontra aí sua origem. É por isso que Lacan afirma que “o verdadeiro amor desemboca no ódio”⁸: porque ele visa o Ser. Quando o gozo não se articula a um saber, a prova de amor pode se apoiar na máxima superegoica, na qual “a paixão inclina o sujeito a uma região onde a ausência de limite não remete mais ao infinito do amor, mas ao ilimitado de um gozo que acaba por envenená-lo”.⁹

Como aponta Clotilde Leguil, “A narrativa sobre o amor [hoje] mudou. Um véu se levantou sobre a obscuridade da pulsão, que pode levar o sujeito a se perder na destruição. Em nome do amor. Pelo amor. Por amor”.¹⁰ Assim, quando nada faz limite ao gozo do amor, até onde ele pode ir? Como se manifestam os efeitos dessa recusa ao saber inconsciente na vida conjugal contemporânea? De que maneira se evidencia essa face destrutiva do amor que fere e machuca, quando ele “assume a forma de um novo supereu?”¹¹

Lacan pergunta: “De onde parte o que é capaz, de maneira não necessária, e não suficiente, de responder pelo gozo do corpo do Outro?”¹² Ele responde: É do *amuro*.¹³ “O amuro é o que aparece em signos bizarros no corpo”.¹⁴ No entanto, aparecer em signos bizarros no corpo não é o mesmo que fazer signo, como o amor faz, pois, como Lacan nos adverte: “O gozo do corpo do Outro não é o signo do amor”.¹⁵ Esses signos bizarros são marcas, traços do encontro da língua com o corpo – marcas de um gozo impossível de dizer; efeitos do Um sozinho que não se articula com nenhum

5 LACAN (1985), *op. cit.*, p. 553.

6 LACAN, J. (1972-1973) *O Seminário*, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, 2ª ed. p. 198.

7 LACAN, J. (1975) Introdução à edição alemã dos Escritos. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 553.

8 LACAN (1985), *op. cit.*, p. 200.

9 LEGUIL, C. *L'ère du toxique : essai sur le nouveua malaise dans la civilisation*. Paris: PUF, 2023. p. 114. (Tradução nossa).

10 *Ibidem*, p. 115. (Tradução nossa).

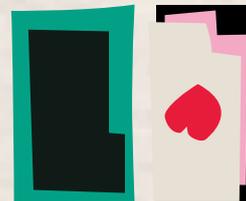
11 *Ibidem*, p. 126. (Tradução nossa).

12 LACAN (1985), *op. cit.*, p. 13.

13 *Ibidem*.

14 *Ibidem*.

15 *Ibidem*, p. 187.



outro significante. O (a)muro é, portanto, o que se inscreve no corpo. E “na perspectiva da não-relação sexual, [...] os seres sexuados formam casal no nível do gozo”¹⁶ e não da falta-a-ser.

Mas como um signo é reconhecido como tal? Lacan se interroga e, ao mesmo tempo, nos dá uma orientação: “O signo só tem alcance porque tem que ser decifrado.” É preciso, portanto, que os “signos bizarros no corpo” sejam “susceptíveis de provocar o desejo. Aí está a mola do amor”.¹⁷ É nesse ponto que Lacan pode afirmar que “O amor faz signo e [...] é sempre recíproco”,¹⁸ pois “o amor demanda o amor [...] mais... ainda”.¹⁹ Este *mais, ainda*, ele prossegue, “é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda do amor”.²⁰ O amor é então, permeado pelas palavras que tentam dizer o impossível do gozo.

Lacan afirma que “Entre o homem e a mulher, há o amor. Entre o homem e o amor, há um mundo. Entre o homem e o mundo há um muro”.²¹ É aqui que se localiza o lugar da castração - um ponto limite, uma subtração de gozo - que indica a existência de um gozo para além do princípio do prazer. Como diz Lacan, “para se ter uma ideia sadia do amor, talvez fosse preciso partir de que, quando ele entra em jogo, [...] entre um homem e uma mulher, é sempre com o cacife da castração”.²²

O amor, o amor, quer se comunique, quer flutua, quer se funde, é o amor, ora. O amor, o bem que a mãe quer ao filho, o (a)muro, basta pôr o *a* entre parênteses para deparar com aquilo que vemos todos os dias: que, mesmo entre a mãe e o filho, a relação que a mãe tem com a castração tem um bocado de importância.²³

Assim, “[...] é sempre com o cacife da castração”²⁴ que se toma o amor a sério, podendo-se reconhecer as condições da partida desse jogo a partir dos objetos *a*. A escrita de (a)muro, com o objeto *a* destacado, coloca em evidência um termo que Lacan dirá não ter sentido, só “uma pequena borra-dela”,²⁵ mas que, justamente por não ser tomado na via do sentido ou de uma razão, pode permitir

16 BOSQUIN-CAROZ, P. Présentation du thème du Congrès 2025 - Les amours douloureuses. Disponível em: <https://www.nlscongress2025.amp-nls.org/nls-congres/2019/1/4/argument-1-5mr52-ewgke-paer5-rhzes-eepar-4wpfy-ame-cm-32tr3-pewb9-ppklc> Acesso em: 24 jul. 2025. (Tradução nossa).

17 LACAN, J. (1972-1973) *O Seminário*, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, 2ª ed. p. 69.

18 *Ibidem*, p. 12.

19 *Ibidem*.

20 *Ibidem*, p. 13.

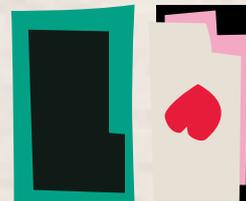
21 LACAN, J. *Estou falando com as paredes: conversas na capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 90.

22 *Ibidem*, p. 95.

23 *Ibidem*, p. 95.

24 *Ibidem*, p. 95.

25 *Ibidem*, p. 85.



tocar o real em questão, uma *réson*, “alguma coisa ressoante”.²⁶ “As paredes, [muros], afirma Lacan, são feitas para circundar um vazio”.²⁷ Quais são as ressonâncias do (a)muro na nossa clínica de todos os dias?

É assim que (a)muro nos coloca em direção à dimensão do real no amor. Trata-se de um passo a dar na busca do atravessamento do “muro da linguagem”, para falar de um amor que não desconhece a castração e não visa fazer existir a relação sexual. Este neologismo de Lacan não apenas debocha do amor²⁸, como diz Miller, mas também se distancia da ideia de fusão e da forma ideal, própria ao amor. “(a)muro quer dizer, sobretudo, que é preciso atravessar, a cada vez, o muro da linguagem”²⁹ para fazer ressoar o eco da pulsão.

A famosa formulação, “Peço-te que recuses o que te ofereço [...] porque não é isso”,³⁰ foi apresentada por Lacan como a verdadeira *carta de amuro*, no Seminário próximo a sua conferência “Estou falando com as paredes”.³¹ Pedir, recusar e oferecer nos coloca às voltas com as relações de objeto. Mas, para além da demanda fundamental, sempre insaciável, em especial na experiência analítica, caberá ao analista reconhecer nesta carta apresentada pelo analisante, o “não é isso”. Lacan esclarece que o “não é isso” emerge do discurso que conjuga demanda e desejo, onde podemos reconhecer “a raiz do que vem a ser o objeto *a*”.³²

Miller destaca a evidência que se obtém da psicanálise ao afirmar que o parceiro do sujeito é o “seu objeto *a*, seu mais-de-gozar e fundamentalmente o sintoma”.³³ Seguindo essa coordenada do objeto *a*, Laurent aproxima o saber fazer com o sintoma, no sentido dado por Lacan de desembaraçá-lo e manipulá-lo, do que se torna possível fazer na parceria sexual: “desembaraço [...] por meio do qual se retiram os objetos *a* do corpo do outro”,³⁴ em uma perspectiva em que os registros encontram articulação.

(a)muro, em suas manifestações sintomáticas, afetos e em suas aparições no corpo, é o que nos interessa tratar neste eixo de trabalho, falando dos casos de amor de nossa clínica, inclusive daqueles

26 LACAN, J. *Estou falando com as paredes: conversas na capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 86.

27 *Ibidem*, p. 80.

28 MILLER, J.-A. Orientação. In: MILLER, Scilicet: o corpo falante, sobre o inconsciente no século 21. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016. p. 19.

29 *Ibidem*, p. 20.

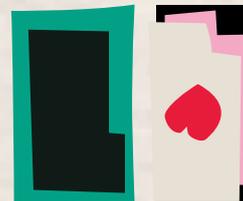
30 LACAN, J. (1971-1972) *O Seminário*, livro 19: ...ou pior. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 79.

31 LACAN, *op. cit.*, (2011).

32 LACAN, *op. cit.* (2012). p. 89.

33 MILLER, J.-A. A teoria do parceiro. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (orgs.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 156.

34 LAURENT, É. *O avesso da biopolítica. Uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. p. 72.



entre analista e analisante, via transferência, em que se pode tocar os fundamentos da parceria. Trata-se de falar de traços, marcas no corpo que, pelo feliz acaso, encontram não um par, mas uma parceria, em direção a um amor mais digno.

Busquemos então tocar a *réson* nestas parcerias de hoje, para além das formas imaginárias de apresentação e das nomeações que buscam sustentá-las, pois como nos lembra Miller: “O parceiro tem várias caras. [Ele] é multifacetado. Muita variedade, muita diversidade, mas não deixem de procurar o parceiro. Não se deixem hipnotizar com a posição do sujeito sem se perguntarem: com quem ele joga a partida?”³⁵

Comentários do Eixo 3 – (a)muro “é o que aparece em signos bizarros no corpo”

Encontro é um termo que se destaca neste eixo.

Na perspectiva aqui aberta, amor é encontro: nos distanciamos de uma abordagem do amor pela via do sentido, da articulação significativa, e passamos a querer saber sobre o gozo que o promove. Inclusive, Lacan dirá que cabe ao analista saber que “existe um saber que não calcula, mas que nem por isso deixa de trabalhar em prol do gozo”.³⁶

Enfim, estamos, como se esclarece, na dimensão do real no amor, na dimensão da contingência.

(a)muro responde por esse amor, mas, efetivamente, nos provoca questões: como falar de (a)muro em nossa clínica hoje? O que dizer sobre o que “aparece em signos bizarros no corpo”?

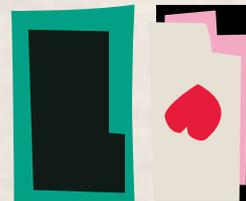
Estas são as questões fundamentais deste eixo e nos interessa receber os casos clínicos que possam buscar dizer sobre o indizível em questão. Os sintomas, afetos, marcas no corpo são os nossos guias neste caminho, para tocar os fundamentos da parceria.

Enquanto resposta, podemos dizer que (a)muro responde pelo encontro, o “feliz acaso”, em que o amor não está em qualidade de suprir o que não há, mas se coloca em articulação com o que há: há um gozo que carrega um saber e pode produzir encontro.

35 MILLER, J.-A. A teoria do parceiro. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (orgs.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 161.

36 LACAN, J. Introdução à edição alemã dos Escritos (1975). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 556.

CARTAS DE AMOR



(a)muro como o “neologismo que zomba/debocha do amor?”³⁷ faz retomar a provocação de Lacan, renovada por Miller, de tomar o ‘jogo a sério’, na medida em que faz série e, evidencia a existência de Um gozo.

A carta de amuro apresentada no Seminário 19, ao lado do que faz série e demonstra a existência de Um gozo, articula o objeto *a* na partida em jogo, bem como o vazio que lhe é próprio.

Teremos, assim, as coordenadas para reconhecer o jogo a ser tomado a sério, na vida e na análise?

De fato, assim seguimos a indicação dada por Miller ao falarmos do parceiro, esse que se encontra.

Fazendo conversar os eixos, podemos falar em encontro ao tratar das metamorfoses do amor? Talvez.

Cabe seguirmos atentos aos possíveis jogos do engano, onde arranjos imaginários e novos nomes, poderão representar uma defesa frente ao que do real está em questão e nada querer saber sobre a sustentação do encontro.

No campo da transferência, importante retornar ao argumento destas Jornadas, sobre o que se pode obter de uma análise no campo do amor.

Carolina Koretzky no EBCF³⁸ nos falou sobre o que as elaborações em análise e o “acaso”, lhe “permitiram”: um encontro. No caso dela, tratou-se de desarticular a fixidez do “destino” em prol da contingência, em prol do encontro.

Citando Miller, Koretzky aponta que “Não há relação com o outro, a única relação que se constrói é com o objeto”,³⁹ indicando que o esvaziamento do “[nosso] próprio objeto”⁴⁰ é o que pode conferir dignidade ao desejo do analista.

E o que pode vir a conferir dignidade ao amor, amor não disjunto do gozo?

Aguardamos pelos casos que possam trazer o novo, a novidade presente no particular de cada caso, que nos permite dar mais uma volta sobre as questões do amor.

37 MILLER, J-A. Orientação. In: MILLER, Scilicet: o corpo falante, sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016. p. 19.

38 KORETZKY, C. Desvelar a rasura. In: *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 89, p. 112-119, 2024.

39 *Ibidem*, p. 117.

40 *Ibidem*, p. 118.



Eixo 4: “paraíso dos amores infantis”

Carmen Silvia Cervelatti - Membro da EBP/AMP

Camila Colás - Membro da EBP/AMP

Participantes da Comissão de Orientação das XIII Jornadas da EBP-SP

“É claro que entre os sexos que sexuados são (embora o sexo só se inscreva pela não relação) existem encontros.

Existe o feliz acaso [*bon heur*]. Aliás, só existe isso: felicidade do acaso! Os ‘seres’ falantes são felizes, felizes por natureza, é desta maneira, inclusive, tudo o que lhes resta.”¹



HEADS - PIXABAY.COM

“Falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico”², por isso se não existissem os impasses do amor, não existiria a psicanálise. As pessoas falam muito dos encontros e dos desencontros amorosos, associando-os, de alguma maneira, ao amor objetal infantil.

A expressão “paraíso dos amores infantis” foi cunhada por Lacan³ para nos dizer que o inconsciente são pensamentos articulados, o “Alhures”. Ele pode ser reduzido “à forma de uma nostalgia, de um Paraíso perdido ou futuro; o que encontramos aí é o paraíso dos amores infantis, onde Baudelaire de Deus!, ele se abstém de coisas escandalosas”. No paraíso dos amores infantis não há o escandaloso do encontro com o corpo sexuado, o corpo como instrumento de gozo no encontro sexual.

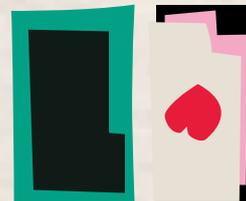
Em “Paraísos artificiais”, Baudelaire associa tais paraísos a um estado de espírito que se busca a transcendência, muitas vezes ligada à arte e ao uso de drogas. São artifícios para fugir da realidade humana, para fazer existir a relação sexual, lá onde não há.

1 LACAN, J. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 553

2 LACAN, J. (1972-1973) O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 89.

3 LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 554

CARTAS DE AMOR



Sigamos Freud com os amores infantis. O “amor feliz” está relacionado à nostalgia de um objeto perdido, o qual não passaria de uma cena fantasiada, que o sujeito busca repetir no decorrer de sua história. “O impasse sexual secreta as ficções que racionalizam a impossibilidade da qual provém”⁴.

Do autoerotismo sobrevém o narcisismo primário como um acréscimo, “uma nova ação psíquica”⁵ na vida pulsional. O que dá sustentação para a passagem do autoerótico ao narcísico é o estágio do espelho lacaniano. O mundo imaginário é um mundo instável, de sombras, um mundo de loucura onde reina o Desejo da Mãe, caótico, fora das insígnias do Nome-do-Pai. Nesta fronteira encontramos vários diagnósticos: do autismo à psicose e a neurose quando o amor se fez objetal, mas retorna narcísico. Para Freud, na parafrenia, não ser amado corresponde um aumento do amor próprio e na neurose uma diminuição. A devastação feminina também se insere no pré-edípico.

Freud observou que “todo ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria”⁶, deixando traços psíquicos que se manifestam na vida amorosa, nas relações de objeto. A libido, sempre narcísica, circula entre o eu e o outro, seus objetos, podendo retornar ao eu. “O retorno da libido objetal ao Eu, sua transformação em narcisismo, representa como que um amor feliz novamente e, por outro lado, um real amor feliz corresponde ao estado primordial em que libido de objeto e libido do Eu não se distinguem uma da outra”⁷.

No enamoramento há transbordamento da libido do Eu para o objeto. “Ele tem o poder de levantar repressões e restaurar perversões. Ele eleva o objeto sexual a ideal sexual. Como, no tipo objetal ou de apoio, ele sucede com base no cumprimento de condições de amor infantis, pode-se dizer que tudo o que preencher tal condição de amor será idealizado”⁸. Se levanta o recalque e restaura perversões, situamos aqui os amores loucos?

“O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal”⁹; não há renúncia da satisfação infantil, o sujeito não quer se privar da perfeição narcísica. Vê-se aí a busca apaixonada pelos corpos perfeitos, pelos ideais de beleza como ideal narcísico.

Enquanto “o amor, em sua essência, é narcísico”¹⁰, trata-se, portanto, do amor imaginário, especular porque é o amor que se joga entre o eu e o outro, seus objetos. Nessa parceria, o eu

4 LACAN, J. Televisão. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 531.

5 FREUD, S. Introdução ao narcisismo. Ensaio de metapsicologia e outros textos. In: Obras Completas. Vol. 12, p.19.

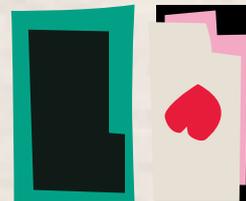
6 FREUD, S. Introdução ao narcisismo. Ensaio de metapsicologia e outros textos. In: Obras Completas. Vol. 12, p.33.

7 Idem, pp.47-48

8 Idem, p.49.

9 Idem, p.40.

10 LACAN, J. (1972-1973) O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1982, p. 14.



funciona como sombra do outro, e o jogo se dá mediante uma identificação à imagem do outro, visando a uma imagem una, como se voltasse ao paraíso perdido, ao júbilo do estádio do espelho. O corpo sob as vestimentas, o corpo nu, talvez seja o objeto *a*, um resto que dá sustentação à imagem e não faz signo ao amor. Por isso, ainda que recíproco, diz Lacan, o amor é impotente “porque ignora que á apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos ... dois sexos”¹¹.

“Não é senão da vestimenta da imagem de si, que vem envolver o objeto causa do desejo, que se sustenta mais frequentemente – é mesmo a articulação da análise – a relação *objetal*”¹².

O mal-estar contemporâneo se traduz em rivalidade, em choque, perceptível nas guerras entre civilizações diversas, por vezes antagônicas, por disputas de territórios e pela hegemonia de poder. Estamos num mundo aguerrido, belicoso, presente nas relações entre as pessoas. Miller pontua que “o Simbólico se consagra à imagem”¹³ porque não consegue perfurar o Imaginário, gerando a decadência da virtude ficcional da verdade em nossos tempos.

Depois da conexão dos discursos do capitalista e da ciência se faz crer na possibilidade de um gozo sem o perturbador que há no amor. A promessa é de um gozo imediato, vislumbrado nas mais diversas práticas, e saciável pelas fantasias, com ou sem a presença dos corpos. Os corpos cobertos por tatuagens, músculos, destituídos das carnes da sexualidade, tanto pelo desaparecimento (anorexia) quanto pelo encobrimento (obesidade), enaltecendo um ego diferente do freudiano, inspirado em Joyce? Contrata-se maneiras de gozo que ignoram o amor e o desejo. Como pensar a relação que se estabelece com a inteligência artificial, qual é essa nova forma de gozo que passa por não ter o encontro com o corpo sexuado? Um amor ainda solitário, mas nem tanto?

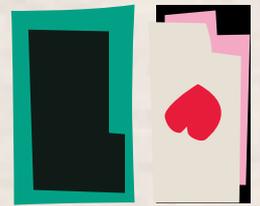
Dos amores infantis, da relação com os primeiros objetos, também convidamos a um passeio pela clínica das adições, das compulsões, dos amores sem o Outro, narcísicos por excelência, do amor na psicose, dos amores impossíveis, dos amores solitários e outros temas. Haveria amor possível, quando o mais-de-gozar oferece aquilo que se vislumbra como um paraíso artificial?

Podemos nos perguntar com Miller, se aqui haveria como ponto de partida “esta figura do amor que não quer saber nada, do amor cego, o amor situado como contrário do saber. É um amor fundado na ignorância do desejo”. Sabemos que o desejo é fundado sobre um *eu não sei* e por estrutura, insatisfeito e por isso pode ir ao infinito. Miller, sobre as consequências que podemos extrair da clínica em relação à demanda e do que concerne ao objeto de gozo, diz:

11 Idem.

12 Idem, p.125.

13 MILLER, J-A. El Outro que no existe y sus comités de ética. Buenos Aires: Paidós, 2005, p.14.



“especifiquemos o que liga a demanda ao amor – pode-se demandar amor, ao passo que não se pode demandar desejo”¹⁴.

Não há um amor igual a outro. Quando transitamos num território que vai mais além da repetição, então o amor não é mais sempre o mesmo, é quando há a possibilidade de ser sempre Outro para cada Um¹⁵. O amor desperta um incômodo, busca-se a certeza, mas se dá de cara com a falta de uma fórmula que falta no real e que o simbólico e o imaginário tentam dar-lhe uma razão. “O real é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”¹⁶. O real, que sempre permanece como enigma, mente ao parceiro e por isso inscreve-se como neurose, perversão ou psicose¹⁷. O gozo se decifra, razão do trabalho analítico pela via pulsional.

O fantasma em suas três dimensões nos ajuda a pensar a clínica atual. No imaginário há “a produção das imagens dos aspectos do mundo, uma produção imaginária dos personagens do ambiente do sujeito”. No simbólico se trata “de uma pequena história que deve obedecer a determinadas regras, certas leis de construção, que são as leis da língua”, que se decanta em uma frase. A dimensão real, fundamental, “tem um caráter de resíduo, que não pode ser modificada”. Presente durante toda a experiência analítica, sua construção e atravessamento, segue até o seu final, o qual se daria por uma modificação da relação do sujeito com o real do fantasma¹⁸.

O discurso analítico “traz uma promessa: introduzir o novo. E isso, coisa incrível, no campo a partir do qual se produz o inconsciente, já que seus impasses, certamente entre outros, revelam-se no amor”¹⁹. Com o amor de transferência “o sujeito é suposto saber em que ele consiste como sujeito do inconsciente, e é isso que é transferido ao analista”²⁰. Também em “Televisão”, Lacan faz referência à ética do Bem-dizer, e vai contra a sexologia, pois “pela perversão não se pode construir nada de novo no amor”²¹. É pelo impasse de formulação, do impossível de cernir pelas palavras que impactam o corpo e pela inscrição dos acontecimentos de corpo que reside a chance de tocar o real e impedir que a verdade queira ser toda dita.

14 MILLER, J. Objeto gozo. In: Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n.82, 2020, p.31-32.

15 https://www.jornadaebpmg.com.br/2020/wp-content/uploads/2020/09/texto4_oscar-ventura.pdf

16 LACAN, J. (1972-1973) O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 178.

17 LACAN, J. Televisão. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 515

18 MILLER, J. Introducción a la clínica lacaniana. – Conferencias em España. Barcelona: Escuela Lacaniana de Psicoanálisis, 2006, pp. 30-31.

19 Idem, p. 529.

20 Idem, p. 529-530,

21 Idem, p. 532.



“O novo amor, como este signo que troca de discurso não é da ordem do ideal, sendo singular a cada sujeito. Seria o novo amor a produção de um novo discurso a partir de um acontecimento de corpo, como uma contrapartida singular ao amor narcísico? Seria ele o resultado da queda das identificações imaginárias que propiciaram a formação do Eu?”²²

Lacan propôs um amor mais digno que o blá...blá...blá onde se borra sua autenticidade. Talvez uma das formas possíveis de nomear o amor mais digno nesta época em que os véus se desgarram, é aquele que possa sintomatizar-se de tal maneira que permita não fazer do gozo pura obscenidade²³. “Mais que ‘uma construção de verdade’, como disse Alain Badiou, o amor é um pedaço de real que pode ser oferecido como possibilidade de fazê-lo funcionar como *sinthoma*, uma forma de oferecer à existência um furo através do qual possa respirar. Se o amor se amarra ao sintoma temos efetivamente a possibilidade de analisá-lo²⁴”.

Laurent, em *O Averso da Biopolítica*²⁵ na lição “O gozo do corpo sustenta o sintoma”, traz um novo ponto de partida em relação ao amor que não se funda no narcisismo da imagem, mas na articulação do sujeito com o real, ou seja, “é o *sinthoma* que lhe dá uma substância”. Ele cita Miller “Uma definição do amor que não é narcísica; o amor narcísico é aquele que visa a uma imagem, enquanto o amor lacaniano é aquele que visa ao sujeito. O sujeito suposto é amor, na medida que introduz sentido e saber no real”. Como, a partir das condições do amor dadas pelo amor infantil, é possível sair da repetição e ir em direção à crença do sintoma e ao *sinthoma*?

Comentário Eixo 4: “paraíso dos amores infantis”

A partir da expressão “paraíso dos amores infantis”²⁶ usada por Lacan e escolhida para ser o nome do Eixo 4 é possível destacar o inconsciente como pensamentos que estão em outro lugar, “alhures”. Além de Freud dos amores infantis, também Lacan se refere à obra de Baudelaire *Paraísos artificiais*. Continuamos com Freud para situar o que Lacan leu de Freud, que a essência do amor enquanto narcísica, enquanto se toma o eu enquanto objeto, nesse vai-e-vem do registro do imaginário. Com isso, é possível dar lugar aos modos de gozo que encontramos mais frequentemente na clínica atualmente.

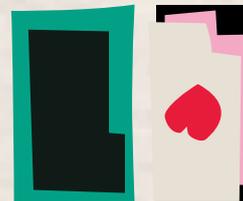
22 https://www.jornadaebpmg.com.br/2020/wp-content/uploads/2020/09/texto4_oscar-ventura.pdf

23 https://www.jornadaebpmg.com.br/2020/wp-content/uploads/2020/09/texto4_oscar-ventura.pdf

24 https://www.jornadaebpmg.com.br/2020/wp-content/uploads/2020/09/texto4_oscar-ventura.pdf

25 LAURENT, E. *O Averso da biopolítica, uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, p.73.

26 LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.554-555-556.



Christiane Alberti, na conferência “Corpos aprisionados pelo discurso” fala das paixões tristes de hoje, um desencantamento. “A particularidade contemporânea é que elas não constituem sintomas, porque o discurso moderno não abre espaço para o sintoma. Isto testemunha o tédio, ou o afeto da morosidade, e o fracasso de qualquer sublimação: o sujeito está em busca de tudo e, portanto, de nada”²⁷. Ela atrela a uma zona de queda do objeto sexual, onde Lacan no *Seminário II* chama de dessexualização, “tão manifesta que chama, na histérica de reação de repulsa”²⁸ (falta referência). Podemos então falar dos amores solitários, por excelência narcísicos, prescindem do Outro, do sexo, do corpo sexuado.

Retomo a dimensão do encontro trazida pelo Eixo 3 para mostrar o contraponto que há entre a ética do encontro e a ética do celibatário. Para Pierre Naveau “a condição do encontro é, portanto, que o sujeito dividido aceite que sua defesa contra o infinito seja perturbada”²⁹. No encontro estamos diante da surpresa. Na dimensão do encontro onde a dimensão do amor está articulado ao saber e o gozo, é preciso perder algo. Laurent nos lembra que “se o encontro fosse bem-sucedido, então o autoerotismo seria absoluto”³⁰.

Sobre o ocupar de si sozinho Naveau³¹ fala do celibatário como um casamento com um falo, um falo que tem apenas valor de uso e não tem valor de troca. A promessa da inteligência artificial (IA) é “garantir uma subjetividade psíquica harmônica e pretende responder, resolver, tamponar qualquer falha (...) ela propõe dispositivos digitais sem o corpo, com a promessa de que o algoritmo possa responder sobre o real”³². Podemos falar de amor com a IA? O que entra em jogo quando se demanda uma relação em que o corpo sexuado não existe? Um amor cego?

Nesta Jornadas aguardamos trabalhos para discutir como isto aparece na clínica sob transferência. A psicanálise lacaniana, como acabou de ser dito traz uma promessa: introduzir o novo. Para Bassols³³ há algo além do narcisismo no amor quando se verifica que não há relação sexual que possa ser escrita no real “o amor é sempre demanda de reciprocidade, mas o gozo nunca é recíproco, no campo do gozo não há Outro do Outro, o outro do outro não é o sujeito, é apenas sua imagem

27 ALBERTI, C. Corpos aprisionados pelo discurso. In: *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: EBP, n.94, abril de 2025, p.22.

28 LACAN, J. (1971-1972) *O Seminário, livro II: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.170.

29 NAVEAU, P. *O que do encontro se escreve*. Belo Horizonte: EBP Editora, 2017, p.124.

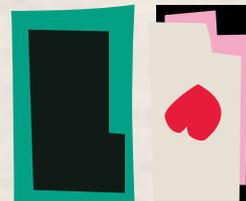
30 LAURENT, E. *O avesso da biopolítica. Uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, p.67.

31 NAVEAU, P. *O que do encontro se escreve*. Belo Horizonte: EBP Editora, 2017, p.121.

32 MUSSE, M. A linguagem e a inteligência artificial no coliseu. In: *Impasses e Desafios. Revista Carta de São Paulo: EBP-SP, ano 31, março de 2024, p.80.*

33 BASSOLS, M. El amor, más allá del Edipo, y lo real. In: *El Psicoanálisis. Revista de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis*. n. 23 “Novos amores. Disponível em: <https://elp psicoanálisis.elp.org.es/sumario-digital-23/>

CARTAS DE AMOR



narcísica do eu”. Assim, para Lacan o sujeito suposto é amor, na medida que introduz sentido e saber no real.



O amor em análise

Maria Josefina Sota Fuentes

AME da EBP/AMP

Participante da Comissão de Festa das XIII

Jornadas da EBP-SP

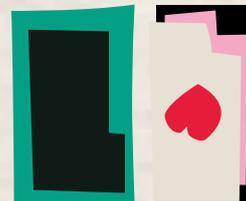
Ao analisar a transferência, Lacan estabeleceu um divisor de águas na história da psicanálise. Devolveu ao amor sua dignidade e construiu as bases da operação analítica. Por um lado, consolidou uma doutrina inédita da transferência, diferenciando suas versões imaginária, simbólica e real. Por outro, mais que nunca, colocou o analista na berlinda.

Com seu ato, o analista incita o enodamento do amor ao saber instaurando o inconsciente, sem o qual a transferência seria pura obscenidade e falação sem fim. Com efeito, a entrada do amor na cena analítica foi um acontecimento imprevisto que produziu muitos embaraços. Pegou Freud de surpresa. Breuer, como tantos outros, passou ao ato e tirou o corpo fora. No início, as paixões que tomaram corpo sob transferência foram muitas vezes incendiadas pelas respostas dos analistas que ali se perderam ao desbravar um caminho. Mas até hoje se pratica a técnica disparatada, segundo já alertava Freud, de inflamar o amor de transferência e prometer um final feliz na suposta confluência da pulsão com o amor genital.

Ao introduzir o fundamento simbólico da transferência, Lacan retirou a psicanálise do eixo imaginário e da vocação narcísica do amor ao semelhante, para os quais tendem as psicoterapias e as técnicas da IPA. Baseadas na compreensão e na empatia, elas extraviam o sujeito pelos labirintos das identificações imaginárias.



CLÁUDIO SCHWARZ - UNSPLASH.COM



Lacan inventou uma fórmula clinicamente precisa, a “demanda de amor”¹, indicando que sua gênese está relacionada com a resposta do Outro, com a sua palavra, quando nasce a fome do amor, a demanda através da qual as necessidades são submetidas aos desfiladeiros do Outro. Finalmente, almeja-se um objeto que não está no mundo, mas no coração daquele que fala: o nada, o dom que se entrega no amor. Muitas vezes discreta e silenciosa, a demanda amorosa está, contudo, sempre presente no tratamento: “Demandar, o sujeito nunca fez outra coisa, só pôde viver por isso, e nós entramos na sequência”², diz Lacan.

Entretanto, se a demanda, a primeira mola simbólica da transferência indicada por Lacan, está presente desde o início do tratamento, o surgimento do Sujeito Suposto Saber, a segunda potência simbólica, bem mais complexa e poderosa, tal como indica Miller³, depende, entre outros fatores, da resposta do analista frente a essa demanda. Ao sustentar o ponto vazio sem fornecer identificações nem respostas à demanda, o analista favorece que o significante da transferência se instale como o operador que garante a abertura do inconsciente transferencial.

Foi preciso, contudo, um passo a mais para extrair das passagens de Lacan pela sexualidade feminina a versão do real da transferência, a partir de uma concepção inédita do amor formalizado com a sexuação⁴. Um amor louco, enigmático, dispar e disparatado, tecido com o gozo feminino, é o amor que se experimenta em um corpo *Outro*, fora de si e dos limites da garantia fática.

Assim, se o amor é gozo, a transferência pode ser concebida como o terreno fértil que faz da análise um modo de gozar do inconsciente, portanto, um sintoma⁵. Ali o gozo se infiltra e se satisfaz ressoando com o significante no trabalho de deciframento do inconsciente. A transferência acolhe, assim, a carga do gozo real, dando-lhe o destino da própria análise, nesse novo amor que é também um novo modo de gozar, mas que pode se eternizar sem que o inconsciente e o trabalho de leitura do sintoma compareçam, sejam quais forem as razões do fechamento do inconsciente.

Nas XIII Jornadas da EBP-SP poderemos analisar as implicações da entrada do amor na cena analítica, *encore*, e explorar seus paradoxos.

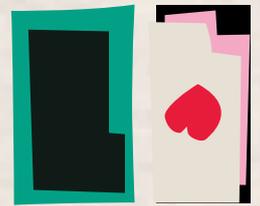
1 Cf. Miller, J.-A. (1997-98) *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008, pág. 152.

2 Lacan, J. (1958) “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pág. 623.

3 Miller, J.-A. (1994) *Como iniziano le analisi*, pág. 8. In: enapol.com/xi/wp-content/uploads/2023/03/ENAPOL-Jacques-Alain-Miller-PT.pdf.

4 (Cf.) Laurent, E. (2011) “Lacan, herético”. In: *Revista da Escola Brasileira de Psicanálise Correio*, n.º 70., São Paulo, EBP dez./2011, pp. 43-55.

5 Miller, J.-A. (1994), *op.cit.* p.13



MATCH POINT

Verbetes

Pela Comissão de Referências Bibliográficas das
XIII Jornadas da EBP-SP

Eixo 3: (a)muro “é o que aparece em signos bizarros no corpo”

“[...] acatar as demandas de amor por parte da paciente é tão fatal para a análise quanto a repressão [Unterdrückung] delas. O caminho do analista é outro, é aquele para o qual a vida real não fornece um modelo.”¹ (Freud, 1914)

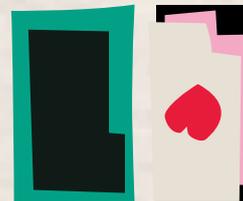
Por Andressa C. Luz
Associada ao CLIN-a

Esta citação remete à atualidade de Freud, principalmente diante dos impasses que o século XXI impõe aos praticantes da psicanálise. Uma das dificuldades em questão, que está no centro das conversações clínicas recentes do Campo Freudiano, trata-se justamente da formalização das entradas em análise. Quando fazemos menção à repetida referência de Lacan – “todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor”² – colocamos em questão qual seria o estatuto das demandas que se dirigem, hoje, aos consultórios dos analistas. Como localizar a demanda de amor onde o que predomina são os imperativos de gozo? Freud, por sua vez, já apontava que não se trata de dizer sim ou não à demanda – uma vez que toda demanda é demanda de satisfação pulsional – mas que caberia ao analista a via da invenção, onde a “vida real não fornece um modelo”.



KEY - PIXABAY.COM

- 1 FREUD, S. (1915 [1914]). Observações sobre o amor transferencial. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 173.
- 2 LACAN, J. *Estou falando com as paredes: conversas na capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 88.



“Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado.”³ (Lacan, 1973)

Por Paula C. V. Caio de Carvalho

Associada ao CLIN-a

O amor no campo do Imaginário e do Simbólico vela a inexistência da relação sexual. Existiria uma vertente real do amor? Podemos pensar que o *fallasser* se depara com a própria estranheza do corpo, uma vez que este está marcado pelo choque da linguagem. O que produz essas marcas no corpo é o que Lacan chamou de *lalíngua*. O saber inconsciente, como diz Lacan, é um “saber-fazer com a lalíngua”⁴, esta que demonstra o que do amor fracassa na relação sexual. O que *lalíngua* produz são signos – que podemos chamar de signos bizarros no corpo. Estes signos são da ordem da cifra, impossíveis de serem lidos. Interrogar sobre a vertente real do amor, é interrogar o que se pode fazer diante de tais signos bizarros. O que acontece com o amor diante dessas contingências? Seria o amor capaz de suportar a não resposta da relação sexual?

“[...] a castração é a esperança de que o gozo torne-se parceiro, porque ela exigiria que se encontrasse o complemento de gozo necessário no Outro.”⁵ (Miller, 1997)

Por Clarissa Carvalho

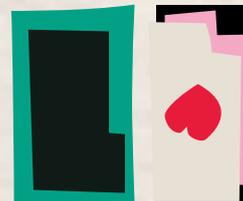
Participante da Comissão de Referências Bibliográficas

“Entre o homem e o mundo, há um muro”. Como este é o muro da castração, sempre há falha, que pode se situar como o furo do “não há relação sexual”. Lacan usa os termos *amuro*, *a-mure*, *muro*, *paredes*, fazendo um jogo entre o objeto *a* e as paredes, jogando com *amuro* e amor. A verdadeira relação que se estabelece entre o homem e a mulher é com o objeto *a*. No interior do amor está o *a* que revela a verdadeira natureza do parceiro. No amor, o sujeito crê que se dirige ao outro, mas no Outro encontra o objeto *a*, objeto causa de desejo. As concepções de amor imaginárias e simbólicas não dão conta do corpo. O gozo abala o conceito de Outro. A entrada no discurso implica o laço social. O Outro pode dar um signo de presença ou de ausência a partir da demanda de amor, mas o gozo não está incluído neste cenário porque não é um laço, mas sim uma substância que Lacan chama de *substância gozante*. Essa substância marca o corpo, e o que sobra e ressoa dela é o que encontramos/ buscamos no parceiro.

3 LACAN, J. (1972-1973). O Seminário, livro 20: *mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 155.

4 Idem, p. 149.

5 MILLER, J.-A. A teoria do parceiro. In: Escola Brasileira de Psicanálise (org.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 193.



Eixo 4: “Paraíso dos amores infantis”

“Alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la. Em todos esses vínculos o amor-próprio parece guardar relação com o elemento narcísico da vida amorosa.”⁶ (Freud, 1914)

Por Edgley Duarte

Participante da Comissão de Referências Bibliográficas

Ao tomar o amor como a terceira via de acesso ao estudo do narcisismo, Freud elucida que a escolha do objeto amoroso está profundamente enraizada no narcisismo primário e, como efeito, toma a perda narcísica como condição para o amor. Assim, diante do discurso do mestre contemporâneo, em sua articulação perversa com o discurso capitalista e neoliberal, que impulsiona o sujeito para uma relação autística com o gozo, poderíamos dizer que há, hoje, uma dificuldade em consentir com a perda narcísica implicada no encontro amoroso? O próprio Freud nos oferece uma pista importante: mais do que um aumento do amor-próprio, o investimento libidinal no objeto amoroso implica um empobrecimento narcísico. Para ele, “o apaixonado é humilde”⁷. Disso decorre uma pergunta, a nosso ver, fundamental: se amar pressupõe, em parte, a perda de uma quota narcísica, como continuar apostando no amor em tempos em que impera o empuxo ao gozo sem limites e o rechaço da castração?

“[O Um] ali está, podemos supor, apenas para representar a solidão – o fato de que o Um não se amarra verdadeiramente com nada do que pareça o Outro sexual.”⁸ (Lacan, 1973)

Por Gustavo Menezes

Membro da EBP/AMP

Se o *falasser* está submetido ao regime do Um, como podemos pensar o laço ao outro, incluso o laço amoroso? Desde a antiguidade e ao longo dos séculos, verificamos que no discurso amoroso há uma versão que aponta para a crença de uma completude entre o amante e o objeto amado. Contudo, nossa época é marcada pelas parcerias que parecem renunciar ao laço com o Outro, como nos casos de toxicomanias e de compulsões. É preciso levar em conta que tanto a promessa de um paraíso do lado

6 FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 46.

7 Idem.

8 LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 137.



do mais-de-gozar, quanto na via de um amor que adicionaria o Um ao Outro, o encontro é marcado por uma impossibilidade: em se tratando do campo do Um-sozinho, se está sempre separado do parceiro, enquanto Outro. Através do amor de transferência e do dispositivo analítico, pode-se sair da solidão do Um e deslocar a satisfação, ir em direção à satisfação do gozo singular, feminino. Ao não prometer o retorno ao paraíso infantil, a psicanálise pode transformar um impasse em criação na via do *sinthoma*.

“A toxicomania é um modo-de-gozar em que aparentemente se prescinde do outro, que existiria para que se dispense o Outro, e no qual se goza a sós.”⁹ (Miller, 1997)

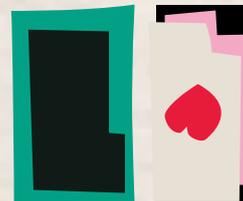
Por Rodrigo Camargo

Associado à Clipp

O paraíso artificial do discurso capitalista

O destaque que Jacques-Alain Miller dá sobre a questão posta pela toxicomania é porque nela se traduz a solidão de cada um no que tange sua dimensão autística de sintoma. Segundo ele, a toxicomania pertence ao liberalismo, ou seja, uma época em que se abandonou os ideais, afinal, trata-se de um modo de gozar sem o Outro. Lacan disse que Marx teria fundado o capitalismo e teria sido também primordialmente aquele que inventou a noção de sintoma. No limite chegamos com o discurso capitalista, no moto perpétuo dos discursos, ou seja, não haveria mais mudança de discurso, a passagem de um discurso para outro. Os quatro discursos de Lacan foram construídos sobre o princípio de uma “barreira ao gozo”. A incidência do discurso capitalista se caracteriza como um rechaço da castração e, portanto, anulação dessa barreira. O segredo de tal trapaça engana no fato de que anular a barreira de gozo constitui a alquimia do capitalismo, enganando o desejo colocando na sua frente uma cenoura de plástico.

9 MILLER, J.-A. A teoria do parceiro. In: Escola Brasileira de Psicanálise (org.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 170.



O AMOR ESTÁ NO AR

AMOR E SUBLIMAÇÃO NA ÉPOCA DO FALASSER

Flavia Corpas

Associada ao CLIN-a

Participante da Comissão de Artes das XIII Jornadas da EBP-SP

“O amor, isso me incomoda. A vocês também, é claro.

Mas não como a mim”¹.



FOTOGRAFIA: FLAVIA CORPAS.
INTERVENÇÃO SOBRE CARTA DE BARALHO.
COMISSÃO DE ACOLHIMENTO XIII JORNADAS DA EBP-SP

Em 1999, a artista britânica Tracey Emin transpôs, para a imponente Tate Gallery, sua própria cama, desarrumada e cercada por garrafas vazias, roupas íntimas usadas, lençóis sujos, guimbas de cigarros e camisinhas. Após o término de um relacionamento amoroso, vivenciando um sofrimento intenso, a artista ficou quatro dias de cama, consumindo álcool. Apresentada como uma instalação, *My bed*² é, segundo Emin, um autorretrato.

A obra provocou reações distintas, de amor e ódio, e um intenso debate sobre os limites da arte contemporânea, ao problematizar as fronteiras entre arte e vida.

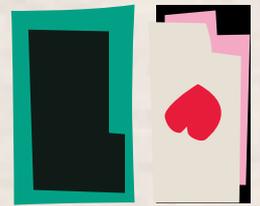
Independente de sabermos o que fez a artista levantar da cama no quinto dia, fato é que ela decidiu transformar tudo isso em uma instalação artística e exibi-la em um renomado museu. Rebatendo as críticas, que diziam que aquilo não era arte, que qualquer um poderia expor algo assim, a artista afirma: “Bem, não fizeram isso, fizeram? Ninguém nunca tinha feito isso antes.”

A resposta de Emin parece revelar tanto o caráter inédito de sua proposta, algo nada irrelevante ao sistema da arte, mas sobretudo a radicalidade do singular que sustenta a obra. Poderíamos pensar que não estamos mais no terreno da representação do amor, e sim de sua apresentação.

1 LACAN, J. (1973-74). *O seminário, livro 21: Le non-dupes errant*, inédito.

2 EMIN, T. *My Bed*, 1998. <https://www.tate.org.uk/art/artworks/emin-my-bed-l03662>

CARTAS DE AMOR



No Seminário 10, Lacan aborda o amor como sublimação do desejo³, fato cultural, partindo daí para afirmar que “o amor-sublimação permite ao gozo condescender ao desejo”⁴. Neste momento do ensino de Lacan, o amor se articula à operação sublimatória.

Mas a obra-testemunho de Tracey Emin nos ensinaria algo sobre o amor-sublimação? Ainda que trate da relação entre gozo e desejo, talvez só possamos abrir uma hipótese: os efeitos, devastadores⁵, deste amor parecem ter sido sublimados. Mas não porque se materializaram em obra, o que garantiu seu lugar em um renomado museu. Se quisermos aprender algo com Emin, teremos que nos arriscar com ela e com Lacan em seu último ensino, a partir do que articula Miller em relação ao escabelo: na época do *falasser*, o escabelo é a sublimação, mas em seu cruzamento com o narcisismo⁶.

My Bed, instalada como obra de arte, é um autorretrato: a construção de uma imagem de si, nada idealizada, uma *in-corporação*⁷. Exibir-se dejetivo, e por isso mesmo, não estar identificada a ele, parece ter sido o escabelo de Emin, sua possibilidade de inventar algo de si diante do incômodo e do impossível no amor.

3 LACAN, J. (1962–1963) O Seminário, livro 10: a angústia. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução Maria de Fátima Murad. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 198

4 Idem, p. 199.

5 No Seminário 23: Joyce, o *sinthoma*, Lacan afirma: “Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um *sinthoma*. Vocês podem inclusive articular isso como *lhes for conveniente*. Trata-se mesmo de uma devastação”. LACAN, J. O seminário, livro 23: O *sinthoma* (1975–1976). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

6 MILLER, J. O inconsciente e o corpo falante. Disponível em: <https://www.congressoamp2016.com/uploads/8d43a017ed95340e07f9ca-4dbb5cb235eb472a04.pdf>

7 Autorretratos, nus, reflexões sobre o corpo, o uso do próprio corpo, o corpo como campo de batalha são questões abordadas frequentemente pela artista.



CORREIO ELEGANTE

Dora¹ e a Sofrência - o impossível no jogo do amor.

Bárbara Vargas

Participante da Comissão de Festa das XIII Jornadas da EBP-SP



DANCERS WOMAN SILHOUETTES - PIXABAY

Sabendo que a festa contribuirá para o trabalho epistêmico das XIII Jornadas da EBP-SP, a comissão, pensando nos percursos do amor chegou à “sofrência”, significante que fala de amor, de perda, porém num tom de festa e celebração. A “sofrência” é o ridículo da dor de amor, da existência, e que parece alegre, por ser cantada em momentos de muita festa. Optei por localizar minha escrita em um dos grandes casos de Freud para falar de “sofrência”: Dora e seu desejo insatisfeito.

Afinal o que é essa tal sofrência que o sertanejo canta? Esse termo surge com a ascensão das mulheres no gênero musical, uma mistura de sofrimento com carência.

O sofrimento sempre existiu nas canções: o homem abandonado que dormiu na praça, ou o homem com seu coração bandido arrependido de ter perdido um amor por uma traição.

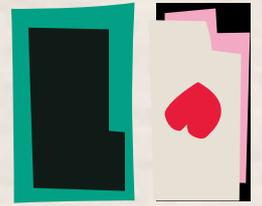
A mulher, sempre subjugada e passiva nos versos das mais famosas canções preferidas dos karaokês, precisou inventar sua própria palavra para que sua “sofrência” ganhasse voz: a mulher traída, a amante, a que não teve seu amor correspondido, juntamente com as amigas na noitada, todas elas agora querem cantar sobre aquilo que lhes atravessa no jogo do amor.

O impossível da satisfação do desejo é posto em cena: sofrência.

O recurso que Dora lança mão para manter-se alheia ao próprio desejo é inventar um desejo e torná-lo impossível. Não há como não pensar em Marília Mendonça quando canta que “Amante não tem lar”, porque ela amante não é a escolhida. Assim como Dora, localiza seu desejo no impossível que inventou.

1 FREUD, S. (1901-1905). “O caso Dora”. In: *Obras Completas*. v. 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud, tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016., p.173.

CARTAS DE AMOR



Imagine uma festa sertaneja: luzes coloridas, cheiro de churrasco, bebida, som alto e alguém cantando sobre um amor que não deu certo.

Ali, no meio da bagunça, pode-se encontrar Dora — não a do século XIX, mas uma encarnação contemporânea do sujeito histérico. Tal como descrita por Freud em análise fragmentária de uma histeria, Dora é uma jovem que entrega seu corpo para que o sintoma se aloje, se esquivando do seu desejo. Mostra o seu interesse e depois se horroriza com o que causou.

Na festa sertaneja, ela dança, sorri, olha, mas na hora do flerte se apavora. Bebe além da conta, perde a festa e vai embora só. Ela se retira, criando uma tensão que parece feita para manter o desejo em movimento, porém sem ter contato com ele.

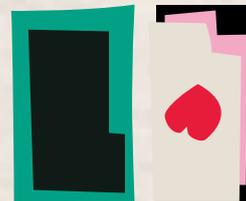
A “sofrência” que embala a festa é rica em enredos amorosos cheios de queixas, traições e reencontros. Essas letras muitas vezes repetem a estrutura do discurso histérico: é o outro que não ama como deveria, que não responde na medida certa.

Lacan afirmou que ‘não há relação sexual’². O amor se apresenta como suplência dessa falta estrutural, e a festa, uma tentativa coletiva de dar forma a essa ausência.

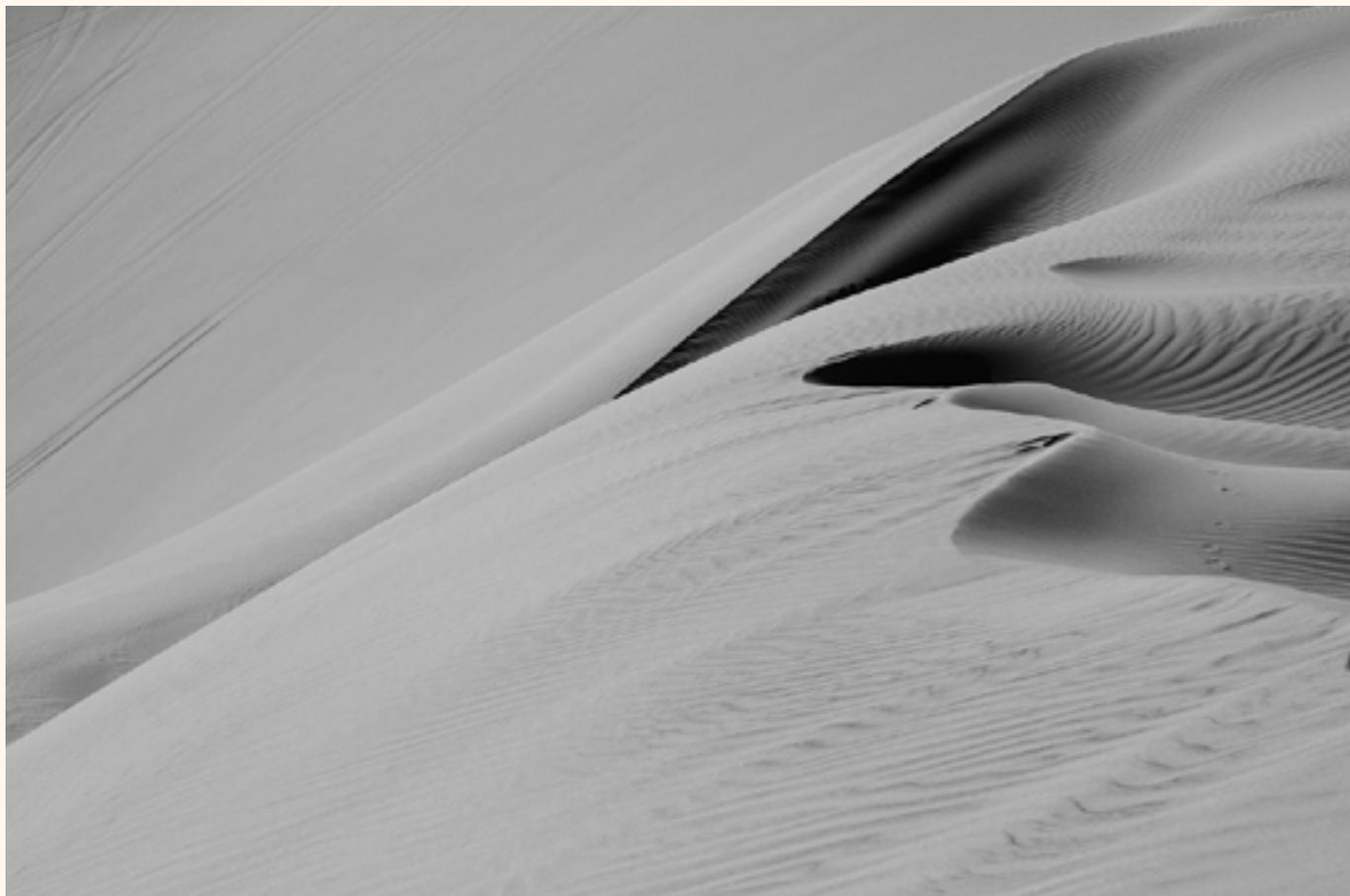
No calor da festa, o sujeito histérico encontra espaço para jogar com os signos do desejo. O olhar, o corpo, o silêncio: tudo pode virar mensagem. Ela quer saber o que significa para o outro, mas resiste em ocupar o lugar de objeto. Assim, transforma o espaço da festa em um palco no qual, a música sertaneja oferece a trilha perfeita para esse jogo.

E talvez seja por isso que essas festas tenham um forte apelo para algumas pessoas. São situações em que o amor pode ser cantado, dançado e também recusado. Dora e a psicanálise nos mostram que o amor está sempre atravessado pela falta. Na sofrência as mulheres cantam não só por se ter perdido alguém, mas por aquilo que nunca se teve — e é aí que o desejo continua vivo.

2 LACAN, J. (1972-1973) O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.



AMAR É...



DESERT - PIXABAY.COM

“um deserto e seus temores
Vida que vai na sela dessas dores
Não sabe voltar, me dá teu calor.” *

* “Oceano” composição de Djavan. A canção faz parte do álbum “Oceano”, lançado em 1989.

XIII

JORNADAS DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM

CARTAS DE AMOR

Diretoria da EBP - Seção São Paulo: Diretoria Geral: Veridiana Marucio | Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbios: Mirmila Musse | Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral das XIII Jornadas: Marilsa Basso

Comissão do Boletim: Milena Vicari Crastelo (Coordenação), Eduardo Vallejos da Rocha, Francisco Durante, James Valeriano, Laura Mansin, Maria Célia R. Kato, Rosângela C. Turim, Valéria Ferranti

Designer: Bruno Senna